

Ensino, Educação e Formação Docente do Professor Pesquisador

Teaching, Education, and Training of Researcher Professor

Selma Alice Ferreira Ellwein^{a*}; Cilene Maria Lima Antunes Maciel^b; Samira Favez Kfouria

^aUniversidade Norte do Paraná, Mestrado em Metodologias para Ensino de Linguagens e suas Tecnologias, PR, Brasil

^bUniversidade de Cuiabá. Cuiabá, MT, Brasil

*E-mail: selma.elwein@unopar.br

Resumo

A educação é o cerne da humanidade, sendo ainda a melhor possibilidade de evolução social e intelectual do sujeito. O presente estudo teve como objetivo analisar a evolução da escola, do ensino e a formação de professores, verificando quais caminhos a literatura tem apontado para a evolução destes três elementos no que diz respeito à educação. Para tanto, foi realizado um levantamento bibliográfico em duas importantes bases de dados (EBSCO e Portal de Periódicos da CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), no sentido de comparar o posicionamento dos autores analisados sobre o assunto. Para concluir, foi realizada uma discussão sobre o modelo de ensino por meio da pesquisa.

Palavras-chave: Educação. Aprendizagem. Formação Docente. Professor Pesquisador.

Abstract

Education is at the heart of humanity, and is the best possibility of social and intellectual developments of the subject. The present study aimed to analyze the evolution of school education and teacher training, checking the way literature has pointed to the evolution of these three elements with regard to education. A literature survey was conducted in two major databases (EBSCO and Portal de Periódicos da CAPES - Coordination of Improvement of Personal Higher Education) to compare the author's opinions on this subject. A discussion of the teaching model using survey was carried out.

Keywords: Education. Learning. Teacher Training. Research Professor.

1 Introdução

Direcionando a proposta desse artigo, iniciamos a discussão com uma afirmação de inquestionável pertinência feita por Brandão (1995), de que ninguém escapa da educação, no dia-a-dia ou na escola; para aprender, para ensinar, para aprender a ensinar; para saber, para fazer e para conviver. Ou seja, é a educação que direciona toda a existência humana.

A educação existe desde que o mundo é mundo, mas com o passar do tempo ela transformou-se em ensino, que culminou na pedagogia. A partir desta transformação, o termo educação passa a ser atrelado aos bancos escolares. Diz-se, por exemplo, que quem não teve acesso à escola não tem educação. Questiona-se, portanto: se o indivíduo teve uma escolaridade deficiente, ele deve ser denominado de mal-educado?

A implantação da escola, em um modelo muito similar ao atual, ocorreu no século V a.C., na Grécia Antiga. Naquelas sociedades, a educação era dividida entre dois grupos: os grupos sociais governantes e grupos sociais governados, muitas vezes ligados às etnias que dominavam e as que eram dominadas. Todo mundo antigo, até a revolução cultural promovida pelo cristianismo, vivenciou esse dualismo de modelos formativos (CAMBI, 1999).

Assim, o acesso à escola desde o princípio, foi elitista. Portanto, a escola foi criada para o homem (ser do sexo masculino) e para os ricos. A educação, tradicionalmente, mesmo quando ofertada às mulheres, revertia em benefício do homem, através da preparação da mulher para o exercício de seus papéis sociais, na esfera doméstica como filhas, esposas e mães submissas (VIANA, 2012).

A escola atual é derivada deste modelo elitista e carrega, ainda, no seu âmago, problemas e ranços antigos. Porém, houve também avanços, seja nos princípios educacionais e de ensino, seja com a preocupação com a formação de alunos. A nova escola tem como elemento básico proporcionar meios para desenvolvimento cognitivo e psicológico do aluno, tendo como objetivo principal a formação de cidadãos.

Outra questão de grande importância para a educação é a formação do professor, sendo este um item decisivo na qualidade do ensino. Demo (1998, p.9) complementa ao afirmar que “ninguém permanece profissional, se não adotar a recapacitação permanente, como estratégia constante de renovação profissional, carecendo aprender a aprender sempre”.

Desta forma, o objetivo deste artigo foi analisar a evolução da escola, do ensino e a formação de professores, verificando quais caminhos a literatura tem apontado para a evolução

destes três elementos no que diz respeito à educação. Esse estudo pretende discutir, ainda, a atuação do professor pesquisador, ressaltando que a formação contínua de professores configura um elemento importantíssimo na busca de caminhos pelos quais a escola possa ampliar a relativa autonomia diante da complexidade da sociedade atual.

2 Material e Métodos

São vários os fatores que influenciam a política educativa de um país, contudo, nas duas últimas décadas, tem-se dado maior atenção para o professor como profissional. Esse profissional tem sido percebido como responsável pela natureza e a qualidade do cotidiano educativo, tanto em sala de aula, como na escola como um todo. Nesse novo modelo de docência, o professor deve ser compreendido como um profissional reflexivo e não mais como um transmissor de ensinamentos.

Assim, o presente estudo realizou uma pesquisa básica e exploratória de caráter qualitativo. Para tanto, foi feito um levantamento bibliográfico em periódicos científicos no Portal de Periódicos da Capes - Coordenação de Aperfeiçoamento de Nível Superior (<http://www.periodicos.capes.gov.br>), e na Base de Dados EBSCO (<http://web.ebscohost.com>), utilizando os termos: educação; ensino e aprendizagem; docência; identidade do professor; e formação do professor.

A busca foi delimitada no período da década de 1990, porém este estudo centrou-se nas obras a partir da década de 2000, por ter como proposta um levantamento bibliográfico de obras mais atualizadas, e por pretender verificar a ação do professor da atualidade, diante das novas propostas de ensino e educação.

3 Resultados e Discussão

3.1 Educação e ensino

Como já sinalizado anteriormente, é possível dizer que a Grécia Antiga pode ser entendida como o berço da educação ocidental, pois esse é o modelo de ensino utilizado até os dias atuais. Cambi (1999) afirma que na Grécia começou a história da educação com o sentido e formato da nossa realidade educativa atual. Naquele período, o objetivo fundamental da educação era a formação do homem individual e de suas interações com sua Polis (cidade-estado grega).

Para Brandão (1995, p.35)

Da maneira que existe entre nós, a educação surge na Grécia e vai para Roma, ao longo de muitos séculos da história de espartanos, atenienses e romanos. Deles deriva todo nosso sistema de ensino e, sobre a educação que existia em Atenas, até mesmo as sociedades capitalistas mais tecnologicamente avançadas têm feito poucas inovações.

No Brasil, as propostas para a criação de um sistema de ensino indicavam o descaso governamental pela educação popular, beneficiando um sistema de educação de elite, pelo atendimento quase exclusivo da demanda de ensino superior e secundário, como forma de ascensão social e de

suprimento dos quadros administrativos do Estado e das empresas privadas. Porém, em contrapartida, essa mesma elite intelectual, inspirada nas doutrinas europeias, tentava difundir a instrução da ciência às camadas populares. Ainda assim, a escolarização popular demorou pelo menos um século após a expansão do ensino europeu, para se concretizar neste país.

Ainda que tenhamos herdado esse modelo, o sistema educacional tem tido evoluções ao longo da história. No Brasil, por exemplo, ocorreram várias reformulações, da Reforma Pombalina ao novo Plano Nacional de Educação – PNE (BRASIL, 2010). O Plano Nacional de Educação, em discussão no Parlamento brasileiro, e em vias de aprovação, dá relevo à elaboração de currículos básicos e avançados em todos os níveis de ensino e à diversificação de conteúdos curriculares, prevê a correção de fluxo e o combate à defasagem idade-série (ano escolar). Nele estão estabelecidas metas claras para o aumento da taxa de alfabetização e da escolaridade média da população. Também menciona a busca ativa de pessoas em idade escolar que não estejam matriculadas em instituição de ensino e o monitoramento do acesso e da permanência na escola de beneficiários de programas de transferência de renda e do Programa de Prestação Continuada - PPC destinado a pessoas com deficiência. O documento determina, e já aprovado, a ampliação do investimento público em educação de 10% do produto interno bruto - PIB do país.

Assim, na sociedade atual, a escola vem sendo percebida como a instituição responsável pela tarefa de sistematizar o ensino, para que este possa executar seu papel de ser transmissor da ciência e da cultura, além de ser uma forma de promover o desenvolvimento do ser humano (SCRIPTORI, 2011). Contudo, para que o papel da escola seja cumprido, as diretrizes, ações e profissionais que nela atuam devem estar em evolução e consonância.

Este novo paradigma de ensino passa a ser diferente dos antigos métodos disciplinares e expositivos, no qual “o professor ditava e o aluno escrevia”, “o professor repassava o conhecimento e o aluno se tivesse capacidade e boa vontade aprendia”. O modelo de ensino atual passou a ser mais complexo de ser aplicado, pois é mais centrado nas possibilidades das pessoas, mas, exige das partes maior compromisso, abertura à experiência, envolvimento, respeito mútuo, solidariedade, capacidade de decisão e autonomia. Neste novo modelo, os professores precisam integrar vários métodos: pedagógicos, expositivos, interrogativos, demonstrativos e ativos, apoiados nas novas tecnologias, de forma a responder à oferta de uma modernidade com mais canais de informação e aos estilos específicos de aprender dos sujeitos e grupos, nas suas fases específicas de desenvolvimento (RODRIGUES; BAIA, 2012).

Existem diversas correntes que buscam explicar o processo de aprendizagem, cada uma com abordagens próprias. Contudo, em qualquer perspectiva adotada, as orientações didático-metodológicas seguidas pelos professores encontram-se diretamente relacionadas ao seu nível de compreensão do processo de desenvolvimento e aprendizagem do ser humano.

Quando esses processos fundamentais de desenvolvimento e aprendizagem são mal compreendidos pelos docentes, todo o processo educativo que envolve o ensino corre o risco de ficar comprometido (SCRIPTORI, 2011).

Entretanto, hoje há que se acrescentar nesta perspectiva da ressignificação do ensino do conceito de escola e de professor, o fato de convivermos com novas modalidades de escolarização nas quais o aluno é gestor de seu aprendizado; e todos os diversos mecanismos de *e-learning* (MOOCS - “*massive open online courses*”), cujo desenvolvimento é o impacto mais importante da tecnologia aplicada aos sistemas pedagógicos e de investigação (TEDESCO, 2004); “Escolas “livres” que quebram com a seriação e “ensalamento” escolares, como por exemplo, a Escola da Ponte em Portugal, cujas experiências foram trazidas para o Brasil, em relação a experiências de autogestão da aprendizagem.

Alves (2001) esclarece que a Escola da Ponte existe há 38 anos em Portugal com o propósito de desenvolver ensino com significância para a realidade do aluno, que junto com um tutor organiza seu plano de estudo, sem salas de aula convencionais, ano escolar gradativo, colegas de turma exclusivos. Não é o projeto de um professor, mas de uma escola, pois é possível falar de projeto quando todos os envolvidos forem efetivamente participantes e todos se conhecerem entre si e se reconhecerem em objetivos comuns. Os professores acrescentaram às tradicionais dificuldades de aprendizagem dos alunos o reconhecimento das suas próprias dificuldades de ensino. E procuraram concretizar um ensino diferenciado em que um mesmo currículo para todos os alunos seja desenvolvido de modo diferente por cada um.

Não cabe adentrar a esta questão das alternativas escolares contemporâneas, mas pensar em que contexto o professor atual busca ressignificar sua prática e sua formação, mediante os desafios atuais da humanidade.

Do mesmo modo as neurociências atuais questionam o modo como está organizado o ensino a partir de novos pressupostos da aprendizagem, considerando as imbricações dos fatores motivação, memória seletiva e emoções (YZQUIERDO, 2010).

Então minimamente este professor deverá estar em constante atualização haja vista o atual questionamento da pertinência de sua atuação profissional universalizada, outrora inquestionável, em todas as circunstâncias e meios, de forma indiscriminada. Significa dizer que é necessário levar em consideração a ideia de interdisciplinaridade como prática em uma perspectiva de formação continuada deste professor.

Torres (1996) afirma que a interdisciplinaridade é fundamentalmente um processo e uma filosofia de trabalho que se põe em ação na hora de se enfrentar os problemas e as questões que preocupam em cada sociedade.

Para Fazenda (1996, p.17) num projeto interdisciplinar “não se ensina, nem se aprende: vive-se, exerce-se”. De acordo com a autora, a responsabilidade individual é a marca do projeto interdisciplinar, e esta responsabilidade está

imbuída do envolvimento do projeto em si com as pessoas e com as instituições a ele pertencentes. O que caracteriza a atitude interdisciplinar “é a ousadia da busca, da pesquisa: é a transformação da insegurança num exercício do pensar, num construir”.

Todas as questões expostas acima seja como exemplos já vivenciados e/ou discutidos em nossa realidade convergem para uma necessidade pensar a escola necessária para hoje.

3.2 Professor

Nas últimas décadas, têm ocorrido vários debates em torno da formação de professores. Esses debates partem de diferentes posicionamentos e são abordados sob diferentes pressupostos teóricos, apontando algumas estratégias para a construção do docente (BASEI, 2012).

A identidade e profissionalização docente surgem como tema emergente nos últimos anos e abre perspectivas para questões de grande interesse e atualidade, como a busca da identidade profissional do docente, a relação do professor com as práticas culturais, questões de carreira, organização profissional e sindical, e questões de gênero.

Manacorda (1992) ressalta que, na Grécia antiga, o ofício de mestre era o de quem caiu em desgraça, havia verdadeiro desprezo pelos ofícios ou profissões “artesanal”, entre elas o exercício de ensinar do mestre que, em geral, não era exercido por homens da aristocracia, mas por homens de classes cultas que, por desgraça, tiveram que descer na escala social, restando-lhes o ensinamento das primeiras letras, sendo extremamente mal pagos para exercer essa função. As melhorias econômicas e de prestígio social dos mestres só ocorreu a partir do momento em as escolas gregas foram se estatizando.

Nesse sentido, o professor não pode mais ser visto como o “mestre” da Grécia antiga, aquele que exercia o humilde e desprezado ofício de ensinar. Até porque aquele “professor” exercia somente um ofício de instrutor (aquele que dava treinamento), uma vez que não havia qualificação específica para docência; aliás, não havia necessidade de título algum, sendo necessário apenas saber ler. Nesse estudo, partimos do pressuposto que os professores de hoje estão melhores preparados.

3.3 Formação docente

No Brasil, historicamente o professor não teve acesso a uma formação docente inicial que se preocupasse em preparar um profissional reflexivo e inovador, no que diz respeito às suas práticas pedagógicas. Nesse sentido, a possibilidade de acesso aos espaços de atualização e formação continuada é extremamente importante para criar oportunidades para que os professores reflitam sobre sua prática e busquem alternativas para o desenvolvimento de novas atividades de ensino.

Modolo e Braúna (2009) afirmam que a formação docente, tanto a inicial ainda na graduação, quanto a formação contínua a partir da análise das práticas pedagógicas e docentes, se

revelou uma das demandas importantes a partir da década 1990. Historicamente, a formação do professor era trabalhada como blocos distintos e desarticulados, que apontava a construção dos saberes pedagógicos a partir das necessidades pedagógicas.

No entanto, Nóvoa (2001) ao ser questionado sobre a formação dos professores ser apontada por como uma das principais responsáveis pelos problemas da educação, relata que embora tenha havido uma verdadeira revolução nesse campo nos últimos vinte anos, a formação ainda deixa a desejar, pois existe certa incapacidade para colocar em prática concepções e modelos inovadores. Assim, as instituições ficam fechadas em si mesmas, ora por um academicismo excessivo, ora por um empirismo tradicional. Ambos os desvios são criticados. A preocupação com a pessoa do professor é central na reflexão educacional e pedagógica. Sabemos que a formação depende do trabalho de cada um. Sabemos também que mais importante do que formar é informar-se; que todo o conhecimento é autoconhecimento e que toda a formação é autoformação. Por isso a prática pedagógica inclui o indivíduo com suas singularidades e afetos.

Não há dúvidas de que o professor da atualidade tem ciência da necessidade de qualificação e capacitação profissional contínua para acompanhar as evoluções humanas, sociais, econômicas e tecnológicas, que são importantes nas ações da escola e estão tão presentes na sociedade. Contudo, o professor precisa conhecer sua identidade de docente e, principalmente, construir essa identidade. Basei (2002) complementa que é imprescindível a consideração de diversos tempos e espaços na vida dos sujeitos, uma vez que a identidade não é algo fixo, imutável, com a qual as pessoas nascem e permanecem por toda a vida. A identidade dos indivíduos se constitui e carrega influências históricas do seu mundo da vida, isto é, do lugar de onde esses sujeitos iniciam e discutem suas operações interpretativas, possibilitando tanto a reprodução quanto a renovação de sua cultura.

Assim, a formação contínua se faz imprescindível para atuação de qualidade do professor.

A Educação permanente é uma concepção dialética da educação, como duplo processo de aprofundamento, tanto da experiência pessoal quanto da vida social, que se traduz pela participação efetiva, ativa e responsável de cada sujeito envolvido, qualquer que seja a etapa de existência que esteja vivendo [...] O primeiro imperativo que deve preencher a Educação Permanente é a necessidade que todos nós temos de sempre aperfeiçoar nossa formação profissional. Num mundo como o nosso, em que progredem ciência e suas aplicações tecnológicas cada dia mais, não se pode admitir que o homem se satisfaça durante toda a vida com que aprendeu durante uns poucos anos, numa época em que estava profundamente imaturo. Deve informar-se, documentar-se, aperfeiçoar sua destreza, de maneira a se tornar mestre da sua práxis. O domínio de uma profissão não exclui o seu aperfeiçoamento. Ao contrário, será mestre quem continuar aprendendo (FURTER [s.d.] *apud* BRANDÃO, 1995, p.80-82).

Para Basei (2012) mudanças significativas na escola e no ensino somente ocorrerão a partir do momento em que princípios epistemológicos críticos e esclarecedores

fundamentarem as ações durante a formação docente, bem como o desenvolvimento profissional. Para tanto, o professor deve ser instruído desde sua formação, pois o que for aprendido e apreendido nesta fase irá servir de fundamentação para sua atuação durante toda vida profissional.

Outro ponto é que a função do educador moderno é, cada vez mais, o desenvolvimento de competências para agir na mediação pedagógica. Para isso, o professor precisa ter formação para auxiliar seus alunos a tornarem-se autores dos próprios percursos, a tomar decisões, resolver problemas e serem proativos na busca da aprendizagem.

Por certo, essas novas estratégias educativas permitem a evolução de situações reais de aprendizagem e de autonomia ao aluno. Porém, a tarefa de ensinar não é só do professor, uma vez que faz-se também necessário o auxílio tanto de políticas públicas concretas, quanto da coparticipação da instituição na qual o professor atua.

A caminhada evolutiva da educação, apesar de constante, é ainda insipiente e, de acordo com Rodrigues e Baia (2012), mesmo nos dias de hoje, ainda vemos a escola, principalmente a pública, tipicamente monodisciplinar, instrutiva, valorizando os conteúdos e os conhecimentos, os fatores de aprendizagem memorísticos, as avaliações por teste americano, numa lógica predominantemente reprodutiva e de massa. Basei (2012) completa que, apesar das reformas e reestruturações na estrutura curricular, as metodologias e ações pedagógicas dos professores ainda contemplam o ensino na abordagem tradicional.

No entanto, o papel da educação deve ser entendido como prática que se orienta como um agir comunicativo, racional e crítico, guiada pelo desenvolvimento da capacidade questionadora e argumentativa consciente sobre a realidade, contribuindo para a formação de um sujeito capaz de intervir em seu modo de vida. “Isto é, precisamos sair da mera incorporação e reprodução de informações, por meio de uma reflexão comunicativa e crítica, transcendendo esses limites para efetivamente construirmos conhecimentos” (BASEI, 2012, p.45).

Nesse sentido, ressalta-se a importância de uma formação inicial que capacite realmente o professor, para que ele possa construir um conhecimento pedagógico especializado, abrangendo conhecimentos no âmbito científico, cultural, contextual e que o capacite para assumir a tarefa educativa em toda a sua complexidade, além de ter uma atuação reflexiva.

Na formação contínua, nenhuma competência permanece adquirida por simples inércia, deve ser conservada por seu exercício regular. Por esse fato, é que os recursos cognitivos mobilizados pelas competências devem ser atualizados, adaptados a condição de trabalho em evolução. Ele demanda uma renovação, um desenvolvimento e competências adquiridas em formação inicial. A prática reflexiva é uma fonte de aprendizagem e de regulação. Saber analisar e explicitar sua prática permite o exercício de uma lucidez profissional que jamais é total e definitiva (PERRENOUD, 2000).

Por certo que os cursos de formação de professores passaram por reformas significativas nas últimas décadas, porém ainda não estão alcançando “todas as exigências, competências e habilidades para o exercício da docência” (BASEI, 2012, p.45).

Todos esses processos revelam o amadurecimento da educação brasileira, mediante os novos paradigmas do mundo contemporâneo e respectivos desafios, como a construção de uma escola plural e inclusiva.

No Brasil as oportunidades de aperfeiçoamento dos profissionais passaram para a concretização, embora de forma ainda muito acanhada. Muitos profissionais da educação em sua luta por tornarem-se melhores profissionais transformaram-se em líderes políticos, municipais, estaduais e nacionais. No entanto, muitos deles, em contrapartida, deixam os bancos escolares, sobretudo os do ensino fundamental afastando-se do cargo de professor, dando preferência a funções administrativas e burocráticas ou a uma carreira exclusivamente política.

A prática educativa deve servir como melhoria do fazer cotidiano, dizendo que alguns profissionais o fazem muito bem feito, outros são satisfatórios e alguns certamente precisam ser melhorados. Não esquecendo que a melhoria de nossa atividade profissional, passa pela análise do que fazemos, de nossa prática e do contraste com outras práticas [...] Necessitamos portanto, de critérios que nos permitam realizar uma avaliação racional e fundamentada. [...] Nós professores temos conhecimentos? Ou seja, temos referencial teórico validados na prática? O professor deve ter uma atuação profissional baseada no pensamento prático, com capacidade reflexiva (ZABALA, 1998, p.13-14)

Também, é durante a prática de atuação que o professor se desenvolve profissionalmente, constituindo-se em um sujeito que aprende e gera conhecimentos. O desenvolvimento profissional não se restringe somente à participação em cursos, palestras, congressos, mas está relacionado ao cotidiano profissional do professor, às atividades que desenvolve, seja em sala de aula, seja na convivência com outros profissionais ou no seu cotidiano enquanto cidadão.

3.4 Professor pesquisador

Para Weber (2012), um dos dilemas a ser superado pelos cursos de licenciatura em geral é a falta de integração entre a licenciatura e a realidade escolar. Essa baixa eficácia da formação inicial resulta em insegurança no desempenho da atividade profissional dos futuros professores. Assim, este professor não tem experiência para desenvolver atividades inovadoras e a mudanças no sistema escolar vão sendo proteladas e, cada vez mais, se reproduz os modelos de ensino interiorizados e limitantes do fazer docente.

A pesquisa é elemento essencial na formação profissional do professor, pois desperta a atitude reflexiva tanto do aluno quanto do docente. Além disso, os processos de pesquisa têm impotentes procedimentos de investigação, incluindo problematização, levantamento de hipóteses, busca, registro, sistematização de informações, verificação, análise e

comparação de dados e, por fim, mas não menos importante, a conclusão (OLIVIERI; COUTRIM; NUNES, 2010).

O professor pesquisador tem hoje a seu favor entre outros recursos as novas tecnologias. A complexidade da aplicação de novas tecnologia aos sistemas pedagógicos e de pesquisa devem incorporar o fato de que afeta tanto o conteúdo como sua apropriação entre estudantes e professores. Essa área se encontra em transformação permanente. Essa construção de comunidades além das fronteiras físicas dos estabelecimentos incorpora uma dimensão pedagógica nova, capaz de gerar dinâmicas importantes de socialização e aprendizagem. O desenvolvimento de comunidades, conforme mencionado anteriormente, é o impacto mais importante da tecnologia aplicada aos sistemas pedagógicos e de investigação (TEDESCO, 2004).

Freire (1996) esclarece que ensinar não é transferir conhecimentos, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção, pois ninguém sabe tudo, ou então não sabe nada. O conhecimento é, portanto, a soma de saberes. Contudo, ninguém pode ensinar o que não sabe. Quando não se sabe, a melhor forma de aprender é buscar o conhecimento e o termo pesquisa deriva do latim “*perquiro*”, que significa procurar, buscar com cuidado; procurar por toda parte; informa-se; inquirir e aprofundar na busca.

A prática docente é mutável e suas reflexões, inovações e mudanças devem permear o trabalho do professor ao longo de sua vida, pois é a partir do exercício de reflexão que o professor aprende a melhorar sua prática e uma das maneiras de propiciar o aumento na compreensão do mundo por parte dos estudantes é o planejamento de atividades orientadas, nas quais eles possam observar e interagir com objetos ou materiais reais, como nas atividades experimentais (WEBER *et al.* 2012).

Acrescenta-se ainda, que para mudança e inovação educativa constatou-se a necessidade de investigação que sirva para organizar e compreender processos adotados pelos professores, com a ideia de se autoavaliarem e confrontar sua prática. Pressupõe que os que recebem uma inovação não são meros receptores de alguns produtos, mas colaboram ativamente e podem ser considerados como coproprietários dos processos e dos resultados obtidos (HERNANDEZ *et al.*, 2000). Desta forma, a Inovação Educativa está associada à mudança, das escolas e do professorado.

São possibilidades interessantes da inovação: permitir estabelecer relações significativas entre diferentes saberes, de maneira progressiva, para ir adquirindo uma perspectiva mais elaborada e complexa da realidade; procurar estimular a reflexão teórica sobre as vivências, experiências e interações entre as turmas, ou seja, as salas de aula; ampliar o âmbito da autonomia pedagógica das escolas e do professorado; fazer com que aflore desejos, inquietações e interesses ocultos; ser conflituosa e gerar um foco de agitação intelectual permanente; permitir maior grau de flexibilidade e experimentação na organização institucional dos conteúdos e nos modos de

ensinar e aprender (HERNANDEZ *et al.*, 2000).

A inovação, de maneira geral, enraíza-se onde existe uma equipe docente forte e estável com atitude aberta à mudança e com a vontade de compartilhar objetivos para a melhoria ou a transformação da escola e/ou complementarmente, pessoas especialmente ativas dentro da equipe que dinamizem o processo inovador.

A inovação educativa acontece no momento em que a escola percebe o que a comunidade precisa, o que o aluno deseja, seja a cada olhar que difere do outro, a cada sentido que é dado às vidas de cada grupo, para tanto, tem-se que buscar, pesquisar (HERNANDEZ *et al.*, 2000).

Inovar requer pesquisa. Não se faz inovação sem investigação. Assim sendo a atitude pesquisadora é de grande importância para ao educador. Demo (1997) afirma que a pesquisa é uma maneira própria de aprender. O mais importante é que nessa nova maneira de aprender, o aluno passa de objeto do ensino para parceiro de trabalho, assumindo-se sujeito do processo de aprender.

Sendo bem planejadas e executadas, as atividades experimentais podem constituir em importante ferramenta na formação de cidadãos, facilitando o desenvolvimento da capacidade de compreensão, análise, questionamento e senso crítico do conteúdo visto em sala de aula (WEBER *et al.* 2012).

O uso da pesquisa como sistema de ensino e aprendizagem tem como base superar o ensinar, o instruir, o treinar e o domesticar, sendo a proposta principal dessa abordagem a aquisição de conhecimento como forma a autonomia crítica no sujeito. Alterando tanto o comportamento do professor como expositor, transmissor, quanto do aluno que deixa de ser um mero receptor, para tornar-se um aprendiz ativo no processo de reconstrução do seu conhecimento.

A educação no Brasil tem passado por mudanças acentuadas para se adequar às novas demandas de um mundo marcado por avanços, inclusive tecnológicos, em todas as áreas do conhecimento. Essas mudanças podem, inclusive, ser observadas nos documentos oficiais que dão diretrizes ao ensino e a educação, que explicitam a necessidade da reformulação e criação de novas metodologias de ensino, além da constante atualização dos professores, para atender a nova realidade educacional.

Neste contexto caberá o reconhecimento profissional a quem se incumba à difícil tarefa de selecionar o que é de fato importante e dar o tom ao aprendizado do aluno, fazendo a conexão de tudo que ele aprende na escola e fora da escola, ou seja, no seu cotidiano.

4 Conclusão

O presente artigo discutiu a evolução do ensino e da educação, principalmente a necessidade de formação continuada de professores. A necessidade de atualização profissional do docente é fato incontestável, incentivada pelos documentos legais que regem o ensino e a educação.

Por certo, muitas vezes o Estado não proporciona aos professores e instituições de ensino, condições financeiras que possibilitem o acesso do professor ao aperfeiçoamento e atualização profissional. Contudo, a proposta desse estudo não foi entrar nesse mérito, sendo, portanto, um assunto importante que deve ser tratado em um novo estudo.

Outro fato importante é que, ao se tratar de formação docente, deve-se relaciona-la ao exercício da pesquisa, pois enquanto o professor não tiver formação de pesquisador e uma postura inquiridora, ele continuará ser um reproduzidor e um perpetuador deste sistema de ensino que, apesar de ter evoluído desde o modelo da Grécia antiga, ainda se mantém distante do modelo ideal de educação.

Referências

- ALVES, R. *A escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir*. Campinas: Papirus, 2001.
- ARROYO, M.G. *Ofício de mestre: imagens e auto-imagens*. Petrópolis: Vozes, 2001.
- BASEI, A.P. O desenvolvimento profissional e a construção da identidade do professor de Educação Física do ensino superior. *Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte*, v.11, n.1, p.44-60, 2012.
- BRANDÃO, C.R. *O que é educação*. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Plano Nacional de Educação – PNE*. Brasília: MEC, 2010.
- CAMBI, F. *História da pedagogia*. São Paulo: UNESP, 1999.
- DEMO, P. *Aprendendo a aprender com o professor: análise de experiências recentes*. Curitiba: Base 1998.
- DEMO, P. *Educar pela pesquisa*. Campinas: Autores Associados, 1997.
- FAZENDA, I. *Práticas interdisciplinares na escola*. São Paulo: Cortez, 1996.
- FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- HERNÁNDEZ, F. *et al. Aprendendo com as inovações nas escolas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.
- MANACORDA, M.A. *História da educação: da antiguidade aos nossos dias*. São Paulo: Cortez, 1992.
- MODOLO, S.F.B.; BRAÚNA, R.C.A. As contribuições da participação de Alice na tutoria do Projeto Veredas na formação de sua identidade docente. *Acta Scientiarum Human and Social Sciences*, v.31, n.2, p.167-175, 2009.
- NÓVOA, A. Professor se forma na escola. *Nova Escola*, n.º 142, p.12-14, 2001.
- OLIVIERI, A.M.R.; COUTRIM, E.M.E.; NUNES, C.M. Como se forma o professor pesquisador? Primeiras aproximações a partir de um estudo de caso. *Educação e Perspectiva*, v.1, n.2, p.293-311, 2010.
- PERRENOUD, P. *Dez novas competências para ensinar*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.
- RODRIGUES, M.A.; BAÍA, M.C. Mediação e acompanhamento na formação, educação e desenvolvimento profissional. *Revista de Enfermagem Referência*, v.3, n.7, p.199-205, 2012.
- SCRIPTORI, C.C. Contextos culturais e conhecimento escolar: um percurso de pesquisa com implicações par formação docente. *Nuances: Estudos sobre Educação*, v.19, n.20, p.9-116, 2011.

TEDESCO, J.C. (Org.). *Educação e novas tecnologias*. Brasília: UNESCO, 2004.

TORRES, J. *Globalización e interdisciplinarietà: el curriculum integrado*. Madrid: Morata, 1996.

VIANA, I. Magistério público no Paraná: feminização e representações (1857 -1930). *Impulso*, v.22, n.54, p.7-18, 2012.

WEBER, K.C. Vivencia a prática docente em Química por meio do Pibid: introdução de atividades experimentais em escolas publicas. *RBPG*, v.8, p.539-559, 2012.

YZQUIERDO, I. *A arte de esquecer: cérebro e memória*. Rio de Janeiro: Vieira e Lent, 2010.

ZABALA, A. *A prática educativa: como ensinar*. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

